

O sr. Paulo Prado é um grande inimigo do romantismo. Até parece um namorado desiludido. Zangou-se com o céu e sua eterna lua. Se as estrelas existissem, ele não sabe. Não mais olhará para elas, pensando em outra coisa... que está longe. Se estivesse perto seria melhor. Sem dúvida. Mas o sr. Paulo Prado já passou desse tempo. Não o conhece, não sei a sua idade, nem nada mais a seu respeito, além do seu Retrato do Brasil e da sua Paulística. A julgar pelo tempo que os livros fazem referências ao seu nome, ele já deve ter começado a viver a verdadeira vida, segundo Walther Pitkin, isto é, deve ter passado dos 40. Não tivesse sido ele um companheiro de Capistrano de Abreu. Aliás, também seu admirador n. 1, reeditor de suas obras e fundador da Sociedade Capistrano de Abreu.

Voltemos ao sr. Paulo Prado e ao romantismo. Todo o seu livro — Retrato do Brasil — cheira a romantismo. Tem como subtítulo: ensaio sobre a tristeza brasileira, o que é bastante arbitrário e discutível, ou abstrato e literário, como quer o sr. Afonso Arinos de Mello Franco. Principalmente pelos argumentos trazidos pelo autor. Mas que delicioso romance! Histórico, se preferirem, mas romance. Haja vista os romances históricos de Lion Feuchtwanger, que, apesar de ser um grande escritor e mestre no assunto — prêmio Nobel, se não me engano — são bem cáctes e soporíferos. E os do sr. Paulo Setubal?! E são romances... Diga-se de passagem que causa estranheza ter o sr. Paulo Prado tratado de um ensaio — tristeza brasileira —, sem ter feito nem uma só referência ao nome de Graça Aranha. Este foi, entre nós, um dos que mais se demoraram nesse terreno. Pois

bem. As paginas tantas, ao falar do movimento romantico no Brasil, o sr. Paulo Prado zanga-se e ataca acerbamente o movimento mundial e seus representantes indigenas. Uns pobres coitados que andavam a visitar cemiterios de madrugada, impressionados pelo riso ironico das caveiras, após terem ingerido uma forte dose de bebedas romanticas. O alcool era muito burguez, muito prosaico. Eles preferiam o haschisch, a cocaína, o opio, e outros mais exóticos. Foi a época do mal romantico, dos bachareis, dos poetas que morriam aos vinte annos, todos bons filhos e melhores irmãos, como mostrou o sr. Mario de Andrade.

Confessa o sr. Paulo Prado, de inicio, a dificuldade de definir o romantismo. Talvez, pelo excesso de definições e de livros sobre o assunto. Assim mesmo, enche três páginas, procurando caracterisá-lo. Aliás, consegue-o de sobra. Indica as varias maneiras pelas quais costumam conceitua-lo: a que opõe o romantismo, concreto, vivo, movimentado, ao classicismo, ordenado, logico, abstracto. A que dá o romantismo simplesmente como a atitude de uma época de revolta e renovação, como reacção contra as disciplinas que procuravam abafar os anelos dos libertos do XVIII seculo. A que divide o romantismo em romantismo de intelligencia, afirmação de generosidade, ardor, fé no espirito humano, lirico, pessimista. Todos dois vêm de Jean Jacques Rousseau: o sonhar inutil e solitario, egocentrico e revoltado, masoquista e soffredor, de um lado; a fraseologia liberal de igualdade, de liberdade, de tiradas inofensivas contra os tiranos, do outro. Onde, entretanto, o sr. Paulo Prado vê a essencia do mal romantico é no divorcio entre a realidade e o artificio. O Brasil até hoje

Paulo Prado e o romantismo

"Dom Gasmurro" - Dezembro, 30, 1937.

EVARISTO DE MORAES FILHO

(Especial para **DOM CASMURRO**)
Rio de Janeiro, Brazil

continua romantico, é uma das suas afirmativas. Toda a nossa historia foi romantica, nada se fez, nada se pretendeu fazer, sem um espirito ingenuo de menino levado e inquieto, que primeiro faz para depois pensar. Romantico foi o grupo de José Joaquim da Maia, em 1786. Romanticas foram as revoluções pernambucanas de 1817 e 1824. Romantico foi Pedro I, fazendo a nossa independencia. Romantica, a Constituição de 1824. Romantica, a maçonaria no Brasil. Em resumo, diz ele: tudo misanthropia e pessimismo. Eu penso que nós somos romanticos justamente pelo contrario: pelo otimismo, pelas esperanças, pelo Deus-é-brasileiro, pelo porque me ufano do meu paiz. Pelo verde das nossas matas, pelo amarelo do nosso ouro, pelo azul do nosso céu.

Apezar de ter mostrado aquelas três direções de conceituação das correntes romanticas, o sr. Paulo Prado não se definiu por nenhuma delas, da sua confusão e sua imprecisão. Talvez por ter tomado uma só para padrão: ou só Rousseau, ou só Chateaubriand, os romanticos-tipo. Póde-se numa só palavra — romantico — resumir tendencias e condutas completamente opostas. Os que se conformam, como Schopenhauer, e os que se revoltam, como Nietzsche. Os que se queixam do amor como Musset, e os que o exaltam, como Walt Whitman. Os que desesperam do futuro do mundo, como Spengler, e os que

vêm nele a idade de ouro, como Thomas Morus. Na mesma rubrica de romantico são classificados o Sturm und Drang e Elizabeth Browning!

O melhor, pois, seria não defini-lo. Mas, sim, tomar a primeira das conceituações, isto é, a que opõe o romantismo e o classicismo. E' o que, por exemplo, faz Papini num ensaio intitulado Unico e diverso, aparecido em 1904, e que mais tarde foi incluído num livro sobre o Pragmatismo. Diz ele: "L'universo rappresenta il prodotto dell'opposizione costante e universale del principio classico e del principio romantico, dell'unico e del diverso". No classico está tudo que é universal, unitario, passivo: no romantico, tudo que é pessoal, particular, ativo. Tudo que tende á imobildade e á universalidade é classico; tudo que tende á mudança, ao movimento e á personalidade é romantico. Como se vê, a conceituação já é outra. O romantico já começa a levar vantagem, já se torna mais simpatico. Deixa de ser malico, anormal, masoquista, de andar sempre com os olhos rasos de lagrimas e o estomago cheio de bebida. Porque, nesses assuntos, não se pode ficar só no campo puramente literario. — É basta ser literario para ser suspeito. E' preciso dar-se um conceito mais amplo, mais generico, mais filosofico. E é o que ficou exposto acima. Mas Papini não se detem al. Vai adiante. Para ele esta

posição se encontra em todo o domínio intelectual, da metafísica mais abstrata à sociologia mais realista. Em ambas, clássico é o único, romântico é o diverso. A seguir, Papini faz uma grande lista de oposições dos dois conceitos. Em estética, por exemplo, ele opõe: artes do espaço e artes do tempo; pintura e dança; escultura e poesia; arquitetura e música; oratória, retórica e esprit, humour; melodia e sinfonia; dialética e lírica. E' claro que os clássicos são sempre os primeiros; românticos, os segundos. L'unico ci conduce dunque alla morte, il diverso alla potenza. Isto fica por conta de Papini.

O sr. Paulo Prado foi bastante injusto na escolha dos exemplos românticos da nossa historia. Não quanto aos literários, que já estão batidos e rebatidos, surrados e resurrados. São sempre os mesmos, num repisar angustioso de idéas e de nomes. Quanto aos políticos — o que seria uma aplicação mais ampla do romantismo — são discutíveis e duvidosos. Vejamos. Por que foram românticas as revoluções pernambucanas de 1817 e 1824? Chamar as românticas estas revoluções é querer fazer blague ou desconhecer os motivos que as originaram. Motivos profundos, reais, ineludíveis. Não eram nem só literários, nem só sentimentais. Eram motivos sociais e humanos. E se elas vencessem, ainda seriam românticas? De fato, os seus cabeças não escondiam a grande influencia dos enciclopedistas e de Rousseau. Da Revolução Francêsa, em resumo. Mas, como aconteceu com os revolucionários francêses, era preciso um fundo real de injustiça social para que essa ideologia tomasse pé. As ideologias não ficam no ar, não vêm do céu para a terra. Pelo contrario, nascem das insatisfações, dos anelos, dos sofrimentos de um povo, de um grupo social,

de uma região. Elas são para esses grupos o mesmo que a justificação para o complexo de inferioridade, ou as mil virgens celestes para os arabes. Eis, em linguagem simbolica, toda a tese da *Wissenssoziologie* de K. Mannheim, Max Scheler, P. L. Landsberg, e outros. Aliás, na procura de liberdade — não utopica ou igualitaria — é que está a essência do romantismo. O movimento romântico significa, em toda a historia, evasão, revolta, separação. Significa o libertar-se de alguma coisa, de todas as formas e medidas da idade classica. Passemos em revista, rapidamente, o seculo XIX e o fim do XVIII. Com Rousseau está a tentativa de nos libertar das convenções do homem civil; com Kant é o pensamento que se separa da coisa; Napoleão é o milagre do aventureiro mundial, com ele ressuscitam novos entusiasmos, novas ambições, novas legendas; Herder nos liberta da literatura e da nacionalidade, e torna a poesia espontanea a todos os povos; Fichte liberta o eu do mundo; Schopenhauer quer nos libertar das obsessões da vontade; Carlyle, do homem-terrestre; Stirner, do homem-idéa; Nietzsche, do homem logico e moralista; Bergson, do homem social e parcial. E assim por diante. Tudo que se fez de grande, de nobre, de ideal no mundo foi devido ao romantismo. Nada de libertação e de aurora se fez na historia sem os românticos. São os que abandonam as cidades, os palacios, os salões e se internam pelas florestas, pelos pantanos, pelos mares. O que importa é o ideal que nunca os abandona. Nem sempre os moínhos são moínhos, muitas vezes são exercitos de verdade. E nem todos têm coragem de investir contra eles...

Se para o sr. Paulo Prado o romantismo se caracteriza pela separação da realidade e do ar-

tificio, como compreender que Pedro I conseguisse a nossa independencia? Romântico era ele, pessoalmente; romântico foi o modo pelo qual ele gritou a nossa independencia; romântico foi o ambiente. Mas por que não surgiu um Pedro I antes ou depois de 1822? Por que Napoleão, romântico, surgiu sómente depois da Revolução Francêsa? Por que Garibaldi, romântico, apareceu sómente na época da unificação italiana? E Kosciuszko, Bolivar, e tantos outros? Sómente porque as circunstancias historico-culturais os tornaram possíveis. Eles foram creados pelo momento historico, pelo entrozamento das forças sociais. Longe de terem sido a causa, eles foram o efeito. Resultaram, foram produzidos. Se coincidem os dois — o homem e o momento — resulta a victoria, segundo Goethe. Se não, a derrota. Longe de conduzirem, eles foram conduzidos.

Nada mais contraditório, pois, do que o romantismo. Se ele é quietista, também é ativista; se, por vezes, se conforma e renuncia, por outras, também revolta-se e esbrame; se é lirico otimista, também é pessimista e desesperado. E muitas vezes esse pessimismo, essa melancolia, nada mais são do que a fadiga da obra, a febre da batalha, a desproporção eterna entre os propositos e as forças humanas, o lamento inconciente das velhas coisas mortas. E' mais heroico morrer congelado no meio da estepe imensa, do que examina-la num mapa e imagina-la á distancia. O romantismo é Deus e o diabo, é o bem e o mal, o util é o inutil, o belo e o feio. O romantismo é bem o que Huxley disse de Shelley, no *Contraponto*: "Shelley tem qualquer coisa de verdadeiramente assustador. Não é humano, não é um homem. E' um mixto de fada e de leopardo branco".